

PERCURSOS DE LEITURA NAS MEMÓRIAS AFETIVAS DE LEITORES-ESCRITORES.

Rosemar Coenga¹

Objetivo neste trabalho inventariar lembranças, cenas, experiências de leitura, sentimentos e valores atribuídos aos livros na infância e, ainda, seus contatos com diferentes formas de manifestações literárias: cantigas de roda, contos tradicionais orais, poemas e romances de diferentes tipos, dentre outros. Interessa-me basicamente refletir sobre a forma como o sujeito de memória se lembra de sua formação como leitor, matéria originária para construir as memórias. A partir daí analiso como o sujeito de memória se lembra de suas leituras e que interferências esse processo traz para a escrita autobiográfica. Meu foco é o personagem-menino criado pelo memorialista como representação de si e de sua história como sujeito leitor.

Buscando contribuir, com este estudo, acerca da construção social da infância, com base em autobiografias de escritores brasileiros e estrangeiros que privilegiaram a infância como idade da vida, busquei uma temática entre as diversas que normalmente aparecem numa autobiografia enquanto texto, qual seja: o *topos* das primeiras experiências da criança com a cultura letrada. Em minhas leituras iniciais pude notar que vários autores, ao escreverem memórias da infância, penetram no mundo da escrita de suas leituras, o que povoa as obras memorialísticas de inúmeras cenas nas quais a leitura está no centro.

Para realizar esta investigação primeiramente propusemo-nos a percorrer os caminhos teóricos sobre a leitura. Para isso, são eleitas as contribuições teóricas voltadas para a história e sociologia da leitura, desenvolvidas a partir das teorias discutidas por Hébrard, Petit, Pennac, Lahire, Chartier e Pompougnac e outros.

Os estudos da Sociologia da Leitura, nascidos no início do século XX, objetivam, entre outros aspectos, compreender de que maneira a leitura afeta os leitores e os modifica, como se desenvolvem suas práticas leitoras e rastros de leitura no processo de constituição do leitor. Analisam-se também as predisposições dos leitores — que provêm de seu perfil sociocultural, das motivações da leitura, suas opiniões, suas expectativas ou o lugar que ocupam na estrutura social — associadas às disposições dos

¹ Doutor em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Centro Universitário Cândido Rondon (UNIRONDON).

textos, que também são variáveis: razões, condições e modos de publicação do texto escrito, distribuição, difusão, tendência de opinião sobre certos temas.

Dentro do campo de estudos da Sociologia da Leitura, Jean Hébrard (1996) situa a experiência da leitura como uma ritualização que ocorre principalmente como imposição da instituição escolar. Jean Hébrard, educador e pesquisador francês, um dos principais especialistas em cultura escrita, critica o ensino da leitura na escola como um meio de transformar os valores e os alvos dos grupos sociais que são o foco da instituição, percebendo o leitor como “cera mole” a ser transformada pelo poder do livro educador. O teórico francês contrapõe a essa visão a questão de boa parte dos estudos sobre leitura das duas últimas décadas, que apresentam uma imagem diferente do ler e de sua aprendizagem.

Em suas pesquisas, Jean Hébrard (1996) enfocou o indivíduo e suas relações com o escrito no século XVII. Nele o autor analisa, tendo como principal fonte a autobiografia, a trajetória de Valentin Jamerey-Duval, que, de maneira autodidata, buscou, durante toda a sua vida, ter acesso e se apropriar do mundo da escrita e da leitura. Segundo o autor:

Para a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. E, por essa razão, ela tem mais frequentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura, do que valor de instrumento da mobilidade cultural em direção a esses mesmos grupos. Colocando o acento sobre o ler mais do que sobre o livro, sobre a recepção mais do que sobre a posse, os pesquisadores demonstraram amplamente que, na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revela. (HÉBRARD, 1996, p.36).

Hébrard salienta que esse mesmo ceticismo em relação à existência de uma dinâmica cultural relacionada ao acesso ao mundo da leitura também marca os modelos apresentados pela psicopedagogia ou pela psicolinguística quanto à compreensão da aprendizagem e da prática de leitura. Para esses campos de estudos, a comunicação escrita é vista como diferenciada, o que confere ao leitor uma posição distinta de simples receptor ou mero decodificador. A leitura é analisada como um processo de produção de sentido, em que o leitor assume uma posição ímpar, o texto não é uma mensagem estrita, seus sentidos são construídos pela interação com esse leitor, pautado pela sua bagagem cultural, pois, no ato de leitura, o leitor reativa suas aquisições culturais anteriores. Esses modelos dificultam, porém, a possibilidade de explicar como o encontro com um texto pode remodelar um universo pessoal intelectual, o que leva à

percepção de que a leitura é vista mais como um processo de confirmação cultural do que como motor de deslocamento ou de uma progressão no mesmo campo.

O pesquisador francês afirma que existem aprendizagens exemplares da arte da leitura, “irrupções no mundo do escrito que nada ou quase nada deixavam prever, como é o caso de autodidatas trânsfugas das práticas culturais de seus círculos ou de comunidades e até mesmo de grupos sociais mais importantes” (HÉBRARD, 1996, p.37). Desses dois grupos, interessa sobremaneira o primeiro, acerca do qual Hébrard afirma que, frequentemente, só se toma conhecimento da existência de seus integrantes pelas suas histórias de vida faladas ou escritas, nas quais a relação com os livros parece determinante na consciência que adquirem de sua trajetória, articulada com uma aprendizagem bem sucedida da leitura, na qual o autor apresenta, como exemplo, o caso de Valentin Jamerey-Duval, cuja autobiografia diz, tanto em sua narração como em sua escrita, o que foi sua trajetória cultural.

Tornam-se leitores aqueles que possuem na família outros leitores, e que deles herdaram esse hábito ou esse gosto. O autor questiona essa ideia, argumentando que ela não é capaz de explicar aprendizagens da leitura que não sejam uma simples atualização de um capital herdado, como nos casos dos autodidatas (HÉBRARD, 1996, p. 39).

A família é a primeira instituição social com que uma pessoa estabelece contato em sua vida. É na família que, ainda criança, os indivíduos aprendem a comportar-se socialmente e recebem os primeiros apoios emocionais. As pesquisas têm mostrado, como já visto anteriormente nesse capítulo introdutório, que é nesse ambiente que as crianças aprendem os primeiros usos e significados da leitura e da escrita.

Para organizar esse estudo sob esse ângulo tive como importante suporte crítico o trabalho *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica* (2003), de Sylvia Molloy, que analisa as cenas de leitura nas autobiografias hispano-americanas. O seu estudo é relevante não só porque tematiza a encenação da leitura nas autobiografias, mas também e pelo pressuposto teórico que adota. Em seus estudos, Molloy considera que “a autobiografia é sempre uma representação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa”. (MOLLOY, 2003, p. 27).

Molloy demonstra que as cenas de leitura são “um lugar comum em muitas autobiografias de escritores” da América hispânica ou até mesmo em outras autobiografias. O aparecimento constante de cenas de leitura nas autobiografias pode contribuir, segundo ela, para definir o autobiógrafo como aquele que lê, uma vez que ele

vive no livro que escreve e se refere incansavelmente a outros livros. A cena de leitura é compreendida como uma cena primária textual tal como outras formas privilegiadas usadas nas autobiografias, como a primeira lembrança, a encenação do espaço autobiográfico, isso porque o ato de ler aparece como uma cena que “subitamente confere sentido a toda a vida”. (MOLLOY, 2003, p. 33).

Molloy apresenta fatos que considera recorrentes em autobiografias de escritores hispânicos, entre os quais destacamos o fato de a leitura ser apresentada com uma natureza “quase religiosa”; o fato de ela ser apresentada como algo do cotidiano (da escola) ou fora dele (a procura ansiosa por novos livros); a insistente associação da cena de leitura à imagem de um mentor, seja um professor, seja qualquer outro que sirva de guia para a leitura das crianças; a recorrência de lembranças daquilo que foi contado pela mãe; a confiança atribuída aos livros, inclusive entre os iletrados; o fato de alguns escritores referirem-se à leitura como algo desconfortável.

Percorrendo várias produções de caráter autobiográfico, encontramos trechos memoráveis a respeito do marcante e inesquecível “livro da infância”. Vários escritores como Murilo Mendes (*A idade do serrote*), Helena Morley (*Minha vida de menina*), Jorge Amado (*O menino grapiúna*), Manuel Bandeira (*Itinerário de Pasárgada*), Zélia Gattai (*Anarquistas graças a Deus*), Fernando Sabino (*O menino no espelho*), Carlos Heitor Cony (*Quase-memória*), Graciliano Ramos (*Infância*), Erico Verissimo (*Solo de clarineta*), Pedro Nava (*Bau de ossos*), escritor que talvez tenha sido o maior a cultivar o gênero memórias, Augusto Meyer (*Segredos da infância*), Nélida Pinõn (*Coração andarilho*), José Lins do Rego (*Meus verdes anos*), Oswald de Andrade (*Um homem sem profissão*), Cyro dos Anjos (*A menina do sobrado*), Manoel de Barros (*Memórias inventadas*), Carlos Drummond de Andrade (*Boitempo*), Rubem Braga (*Memórias de infância*), somados, obviamente, às de José Saramago (*As pequenas memórias*), Elias Canetti (*A língua absolvida*), Jean-Paul Sartre (*As palavras*), Simone de Beauvoir (*Memórias de uma moça bem comportada*), Marcel Proust (*Sobre a leitura*), por exemplo, se destacaram como obras marcadas pela memória.

Então, para nos certificar de que a leitura não é, necessariamente formação que começa com o vínculo das crianças à escola, mas pelas leituras pessoais que estão no meio familiar e em espaços mais próximos do mundo próprio, constituindo redes de sociabilidade, adentramo-nos nas leituras de histórias pessoais e sociais de alguns escritores.

José Saramago em *As pequenas memórias*, organiza suas vivências e, assim, procura compreender quem foi e quem é. Primeiramente, busca suas origens, reencontra pessoas e revê lugares que o marcaram. Durante esse processo, promove o encontro entre José Saramago (o adulto escritor) e Zezito (a criança melancólica), possibilitando que o primeiro se reconheça através das lembranças armazenadas pelo segundo, que são evocadas do passado e revividas no presente.

Na escrita de *As pequenas memórias*, ele registra aquilo que Zezito reteve na memória, e, durante a concretização desse exercício, o adulto vai recordando os primeiros anos e reconstruindo o vivido. Assim, a narração se alterna entre os momentos vividos na cidade — experiências escolares, literárias e mundanas — e aqueles passados na sua terra natal — experiências afetivas e introspectivas.

A sensibilidade do menino aparece também na relação que estabelece com as artes. Exemplo disso é o gosto pelo cinema, pois alguns momentos marcantes de sua infância foram os passados dentro das salas do Piolho. Nas sessões de cinema mudo, a criança se divertia com as personagens: Charlot (Charles Chaplin) e Pamplinas (Buster Keaton), Bucha e Estica (Gordo e Magro). Em suas lembranças ecoa como memória marcante o aprendizado de leitura através do Diário de Notícias quando tentava decifrar as palavras impressas: “Identificar na escrita do jornal uma palavra que eu conhecesse era como encontrar um marco na estrada a dizer-me que ia bem, que seguia na boa direção”. (SARAMAGO, 2006, p. 90).

Marcantes também são os momentos em que relembra do romance *Maria, a Fada dos Bosques* que tantas lágrimas fez derramar às famílias dos bairros populares lisboetas. De suas memórias literárias emerge a obra *A toutinegra do Moinho*, de Émile de Richebourg, “este romance iria tornar em minha vida a primeira grande experiência de leitor. Ainda me encontrava muito longe da biblioteca do Palácio das Galveias, mas o primeiro passo para lá chegar havia sido dado” (SARAMAGO, 2006, p. 91).

A língua absolvida: história de uma juventude, traz as memórias de infância de Elias Canetti, vividas na Bulgária e em outros países da Europa. Narrativa riquíssima em que o autor rememora miudezas de suas experiências com outras culturas, com a literatura de outras línguas e a sua convivência com seus pais e familiares. Tocou-nos sensivelmente o vínculo de Elias-menino com seu pai, que faleceu muito jovem, com 31 anos. O pai presenteava-o constantemente com livros. Sempre que Canetti finalizava a

leitura de um, prontamente outro já chegava para ocupar seu lugar. Menciona em suas memórias um episódio marcante sobre sua formação de leitor literário e futuro escritor:

Alguns meses depois de meu ingresso na escola, aconteceu algo solene e excitante que determinou toda a minha vida futura. Meu pai me trouxe um livro. [...] Tratava-se de *As mil e Uma noites*, numa edição para crianças. [...] Falou-me, de forma animadora e séria, de como era lindo ler. Leu-me uma das histórias; tão bela como esta seriam também as outras histórias do livro. Agora eu deveria tentar lê-las, e à noite eu lhe contaria o que havia lido. Quando eu acabasse de ler este livro, ele me traria outro. Não precisou dizê-lo duas vezes, e, embora na escola começasse a aprender a ler, logo me atirei sobre o maravilhoso livro, e todas as noites tinha algo para contar. Ele cumpriu sua promessa, sempre havia um novo livro e não tive que interromper minha leitura um dia sequer. (CANETTI, 1994, p. 50).

A discussão sobre as leituras era um espaço de encontro e afeto entre pai e filho. Canetti lembra que não raras vezes dedicava-se a ler os livros com avidez por saber que a noite viveria a delícia de poder contar a seu pai suas impressões sobre o que lera. Troca que o alimentava e pela qual aguardava com entusiasmo:

Comentava com meu pai cada um dos livros que lia. Às vezes ficava tão excitado, que ele tinha de me acalmar. Mas nunca me disse, à maneira dos adultos, que contos eram mentira; sou-lhe especialmente grato por isso; talvez ainda hoje eu os considere verdadeiros. (CANETTI, 1994, p. 50).

O poeta Manuel Bandeira vincula circunstâncias autobiográficas referentes à sua infância para construir seus poemas. Em *Itinerário de Pasárgada* (1984), o poeta nos fala da importância exercida sobre eles pelas pessoas que povoaram seu mundo infantil, como, por exemplo, Totônio Rodrigues, Tomásia e Rosa, formadores de sua mitologia. O poeta também se refere à importância de suas reminiscências infantis, representadas pelo ambiente da casa de seu avô materno, Antonio da Costa Ribeiro. Todas essas “personagens”, mistura de ficção e realidade, vão figurar em seus poemas, capturados pela imaginação do poeta quando criança.

Em *Evocação do Recife*, momento em que o poeta evoca o Recife de sua infância; não o Recife pertencente ao mundo adulto, o Recife dos grandes feitos históricos: “Recife da minha infância/ A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e/ partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas [...]”. Como também em *Profundamente*: “Quando eu tinha seis anos/ Não pude ver o fim da festa de São João/

Porque adormeci/ Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo/ Minha avó/ Meu avô/ Totônio Rodrigues/ Tomásia/ Rosa/ Onde estão todos?/ Estão todos deitados/ Dormindo profundamente”.

Manuel Bandeira é um poeta que vai utilizar-se com frequência das suas lembranças da infância para construir seus poemas. Num passado remoto, o poeta busca recuperar suas memórias infantis, materializando-o no poema. Em sua poética, o mundo infantil é visto de maneira lúdica e é encarado como um tempo bom, sem problemas, divertido, com brincadeiras inseridas em um universo musical e folclórico.

Esse mundo infantil nos lembra a própria infância de Manuel Bandeira, que viveu a sua meninice em Recife, na Rua da União, onde brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas, como também a casa de seu avô, onde Bandeira nos revela a extrema importância que a infância exerceu sobre ele:

Quando comparo esses quatro anos [dos seis aos dez anos, época em que Bandeira diz formar sua mitologia] de minha meninice a quaisquer outros anos de minha vida de adulto, fico espantado com o vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante. (BANDEIRA, 1984, p. 21).

É importante destacar, como o próprio poeta diz em seu *Itinerário*, que sua primeira relação com a poesia vem da infância e é essencialmente lúdica. Seus primeiros contatos com a poesia vieram dos contos de fadas, em histórias da Carochinha juntamente com as cantigas de roda: “Roseira, dá-me uma rosa”, “O anel que tu me destes”, “Bão, balalão, senhor capitão”, “Café com pão”, são canções utilizadas nas construções de alguns de seus poemas, que recriam a vivência infantil, ou seja, no aproveitamento das cantigas de roda.

Diz que seu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos, provavelmente, foi através de contos de fadas e histórias da Carochinha, enfatizando como lembrança nítida a história da menina enterrada viva no conto *A madrasta*.

Percebe-se, nas colocações de Manuel Bandeira, uma grande influência paterna. Ele conta que, na companhia do pai, ia se embecendo da ideia de que a poesia estava em tudo, “tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas” e faz a seguinte afirmação: “o meu pai era um grande improvisador de *nonsenses* líricos, o seu jeito de dar expansão ao gosto verbal nos momentos de bom humor”. (BANDEIRA, 1984, p.19).

Bandeira descreve no *Itinerário* as emoções das primeiras leituras e as resgata com estas palavras: “Não posso deixar de evocar aqui as horas de intensa emoção, as primeiras provocadas por um livro lido com os meus olhos, e foi esse livro o *Cuore*, de De Amicis, na tradução de João Ribeiro. Era eu semi-interno no colégio de Virgínio Marques Carneiro Leão, na Rua da Matriz. Depois de certa hora, os alunos externos voltavam para suas casas e ficava sozinho na grande sala dos fundos do edifício. *O Coração* era o livro de leitura adotado na minha classe. Para mim, porém, não era um livro de estudo. Era a porta de um mundo, não de evasão, como o da *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*, mas de um sentimento misturado com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida. (BANDEIRA, 1984, p. 12).

Prosseguindo em suas memórias, recorda-se das várias maneiras como foi influenciado: “Outros poemas que fizeram época na minha experiência poética desses anos de formação foram: “La chanson de mal-aimè”, de Guillaume Apollinaire, a primeira revelação para mim da nova poesia, o *Plenilúnio*, de Raimundo Correia, o poema em prosa *La poterne Du Louvre de Gaspard de La nuit*, de Louis Bertrand (eu e meu pai fazíamos grandes pagodeiras pela manhã no meu quarto de doente, representado ao vivo, para ninguém, o diálogo do poema) três ou quatro sonetos de Camões (Afonso Lopes de Almeida foi quem me deu a conhecer Camões sonetista, presenteando-me o livro *Paroles pour Le jeunes gens*, de Guy-Charles Cross... Sobre os sonetos de Camões e o poema de Cros preciso espriar-me um pouco”. (BANDEIRA, 1984, p. 36).

Como podemos observar, o ambiente e a mitologia utilizados pelo poeta em seus poemas são aqueles provindos das figuras da infância ou da tradição popular. De acordo com Bosi:

Na lírica memorial de Manuel Bandeira e Jorge de Lima [...] o movimento do texto visa ao reencontro do homem adulto com o mundo mágico da criança nordestina em comunidades ainda marginais ao processo de modernização do Brasil. Sei que há diferenças: Manuel Bandeira, poeta sofrido, mas civilizadíssimo, gosta do passado pelo que este tem de definitivamente perdido: é o puro sabor da memória pela memória. (BOSI, 1993, p.152).

Nesse percurso, também registramos as relações entre a subjetividade de Jean-Paul Sartre e sua experiência infantil de contato estreito e intenso com a clássica biblioteca do avô, que ele devorava.

As palavras, de Jean-Paul Sartre, publicada em 1964, apresenta a infância de Sartre, dos seis aos dez anos de idade, narrada em primeira pessoa e as reflexões de

adulto sobre esse período. Relatos sobre as relações familiares, experiências de leitura e escrita, cerimônias de apropriação cultural mediante o teatro, cinema e literatura, processos de construção da própria identidade, olhar do adulto que reelabora o passado vivido, são alguns dos temas centrais que são esmiuçados constantemente. Esta obra assume o caráter de uma exortação apaixonada ao ato de ler e escrever.

A obra memorialística de Sartre, *As palavras*, está dividida em dois capítulos que se entrecruzam constantemente: *Ler* e *Escrever*. No primeiro capítulo, Sartre faz um recuo na história e busca resgatar as suas origens a partir de um quadro genealógico. Convém resgatar estes primeiros momentos do texto. Sobre o nascimento do pai, Jean-Batiste, afirma que foi fruto de uma relação de silêncio entre os avós paternos:

Partilhava de seu leito, no entanto, e de tempos em tempos, sem uma palavra, a engravidava: ela deu-lhe dois meninos e uma menina; estes filhos do silêncio chamaram-se Jean-Baptiste, Joseph e Hélène. (SARTRE, 1998, p. 13).

O tema do silêncio surge como marca da família paterna. A própria morte precoce do pai, instaura um silêncio definitivo. Não há ninguém que possa recuperar a memória do pai, que ficará entregue ao seu esquecimento. A condição da mãe, Anne-Marie, é colocada paradoxalmente em função da ausência do pai: “a morte de Jean-Baptiste foi o grande acontecimento de minha vida: devolveu minha mãe aos seus grilhões e me deu a liberdade”. (SARTRE, 1998, p. 15).

Charles Schweitzer, avô de Sartre, é uma presença marcadamente forte em sua vida. Patriarcal por excelência, todas as opiniões cedem, em última instância, aos seus caprichos. A representação dos livros é inserida a partir do contexto da grande biblioteca de seu avô e será tensionada com os livros dispostos no quarto de sua avó. A temática dos livros é recorrente nas memórias de sua infância. Vão ocorrendo deslocamentos sucessivos, na medida em que a relação do pequeno Sartre com eles vai sendo modificada. Certo é que serão sempre referência e marcam o ritmo do desenrolar dos acontecimentos com uma força inigualável. Os da biblioteca eram tidos como sagrados e só eram espanados anualmente, antes do início das aulas. E exerciam um fascínio sobre o menino Sartre:

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No gabinete de meu avô, havia-os por toda a parte; era proibido espaná-los exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ou nobremente espedaçadas em aléias de menires, eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia delas. Elas se pareciam todas; eu folgava num minúsculo santuário, circundado de monumentos atarracados, antigos, que me haviam

visto nascer, que me veriam morrer e cuja permanência me garantia um futuro tão calmo como o passado. Eu os tocava às escondidas para honrar minhas mãos com sua poeira, mas não sabia bem o que fazer com eles e assistia todos os dias a cerimônias cujo sentido me escapava: meu avô — tão canhestro, habitualmente, que minha mãe lhe abotoava as luvas — manejava esses objetos culturais com destreza de oficiante. (SARTRE, 1998, p. 31).

Em seguida continua discorrendo sobre suas primeiras experiências com os livros, analisando-os na crueza de seu suporte sem sentido para uma criança que não desfrutava, ainda, dos prazeres da leitura:

Às vezes eu me aproximava a fim de observar aquelas caixas que se fendiam como ostras e descobria a nudez de seus órgãos interiores, folhas amareladas e emboloradas, ligeiramente intumescidas, cobertas de vênulas negras, que bebiam tinta e recendiam a cogumelo. (SARTRE, 1998, p. 30).

Retomando a narrativa, Sartre afirma que o avô possuía ainda alguns livros na biblioteca, que eram de sua autoria. Estes davam um imenso orgulho ao seu criador, que dizia: “estes aí, menino, foi teu avô que fez”. Sartre se comprazia com este orgulho na medida em que “era neto de um artesão especializado na confecção de objetos sagrados, tão respeitável quanto um fabricante de órgãos, quanto de um alfaiate de eclesiástico”. (SARTRE, 1998, p. 32). Prosseguindo em suas memórias, destaca a importância da oralidade. Charles conseguiu junto ao seu editor, de presente, *Les contes*, do poeta Maurice Bouchor. Eram:

[...] narrativas extraídas do folclore e adaptadas ao gosto da infância por um homem que conservava, dizia ele, olhos de criança. Eu quis começar na mesma hora as cerimônias de apropriação. Peguei os dois volumezinhos, cheirei-os, apalpei-os, abri-os negligentemente na “página certa”, fazendo-os estalar. Debalde: eu não tinha a sensação de possuí-los. Tentei sem maior êxito tratá-los como bonecas, acalentá-los, beijá-los, surrá-los. Quase em lágrimas, acabei por depô-los sobre os joelhos de minha mãe. (SARTRE, 1998, p. 34).

Sua mãe prontificou-se a ler *As fadas*, que estavam “dentro” do livro. De maneira cerimoniosa:

[...] inclinou-se, baixou as pálpebras e adormeceu. Daquele rosto de estátua saiu uma voz de gesso. Perdi a cabeça: quem estava contando? o quê? e a quem? Minha mãe ausentara-se: nenhum sorriso, nenhum sinal de convivência, eu estava no exílio. Além disso, eu não reconhecia sua linguagem. Onde é que arranjava aquela segurança? Ao cabo de um instante, compreendi: era o livro que falava. (SARTRE, 1998, p. 35).

Desta experiência com as histórias contadas pela mãe a partir de seu livro, Sartre se vê diante de um novo formato de narrativa, bem diferente daquele a que estava acostumado. Assemelha-se este momento aos momentos litúrgicos. São momentos sagrados pela própria atmosfera que o cerca.

Aos relatos improvisados passei a preferir os relatos pré-fabricados; tornei-me sensível à sucessão rigorosa das palavras: a cada leitura voltavam, sempre as mesmas e na mesma ordem, eu as esperava. Nos contos de Anne-Marie, os personagens vinham ao deus-dará como ela própria fazia: adquiriam destinos. Eu estava na Missa: assistia ao eterno retorno dos nomes e dos eventos. (SARTRE, 1998, p. 36).

Diante do fascínio que a leitura exercia sobre ele, resolveram ensinar-lhe o alfabeto. Repetindo as partes amplamente conhecidas e decifrando outras, percorria incessantemente todas as páginas de maneira obstinada. Ao virar a última página, ele havia dado conta de que sabia ler. Continuando a discorrer sobre a importância dos livros em sua formação, Sartre irá destacar a primazia dos livros sobre sua vida. Constata que era muito diferente das outras crianças do campo:

Nunca esgaravatei a terra nem farejei ninhos, não herborizei nem joguei pedra nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho, tinha a sua espessura infinita, a sua variedade e a sua imprevisibilidade. (SARTRE, 1998, p.37).

Em seu percurso de formação, Sartre, apoiado pela mãe e pela avó, começa a munir-se de subsídios oferecidos pelas publicações periódicas vendidas em bancas de jornais. O santuário da biblioteca deixara de ser o único lugar capaz de desvendar a cultura. Semanários como o *Cri-Cri*, *L'Épatant*, *Les Vacances*, *Le trois boy-socuts*, de Jean de La Hire, e *Le tour de monde em aéroplane*, de Arnould Galopin, passam a ser lidos semanalmente. Num caminho inverso ao proposto pelo *clerc*, a mãe de Sartre buscava resgatar o ficcional próprio dos contos infantis e o fazia de forma sistemática.

Cabe, neste momento, assinalar duas outras experiências que marcarão sua vida de maneira intensa. São, respectivamente, o teatro e o cinema. Descreve esta experiência a partir de uma cumplicidade com sua mãe:

Entramos às cegas em um século sem tradições que havia de sobressair sobre os outros por seus maus modos e, a nova arte plebéia, prefigurava nossa barbárie. Nascida em um covil de ladrões, incluída por portaria administrativa entre os divertimentos de feira, apresentava costumes

popularescos que escandalizavam as pessoas sérias, era a diversão das mulheres e das crianças; nós a adorávamos, minha mãe e eu, mas quase não pensávamos nela e nunca falávamos dela: fala-se do pão se este não falta? Quando nos demos conta de sua existência, havia muito que se tornara nossa principal necessidade. (SARTRE, 1998, p. 86).

O cinema assumia na formação de Sartre o mesmo papel que os personagens dos contos de Maurice Bouchor exerceram na experiência de leitura. Eram companheiros de jornada. O cinema, seu contemporâneo, em muito lhe era próximo:

Éramos da mesma idade mental: eu tinha sete anos e sabia ler, ela [a arte] 12 anos e não sabia falar. Dizia-se que eu estava em seus primórdios que havia de progredir; eu pensava que cresceríamos juntos. Não esqueci nossa infância comum. (SARTRE, 1998, p. 84).

Da cumplicidade com o cinema e da seriedade emprestada pelo teatro, Sartre ficaria profundamente marcado pela carreira de escritor e teatrólogo. Estes elementos serão reincidentes ao longo de suas memórias e remetem à infância vivida.

O avô é central na iniciação intelectual de Jean-Paul Sartre. Ele aparece quase sempre como sujeito: é o professor, o pensador, o leitor e o formador da imensa biblioteca que viria a ser o universo do escritor. Já Manuel Bandeira menciona alguns ensinamentos de seu pai, que teriam ampliado os limites da leitura literária. Ele lhe teria revelado o poder da poesia, ou seja, a dimensão significativa da palavra poética. A musicalidade do verso ter-lhe-ia sido apresentada por meio de declamações, que o menino procurou imitar e reviver anos afora. Outro exemplo marcante de imagens de leitor pode ser visto em *Biblioteca Verde*, de Carlos Drummond de Andrade. O menino pede insistentemente ao pai que compre os livros:

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. É em percalina verde,
só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.

De posse dos livros, o menino entra em êxtase e os devora:

Mas leio, leio. Em filosofias
Tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,

verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar
de páginas? (DRUMMOND, 1988, p. 551).

Essas imagens fortes do leitor-menino em relação prazerosa com o livro é uma das muitas em que há personagens-criança que são figuradas a partir de sua relação com a leitura e com a escrita.

Já a descoberta da literatura na vida de Érico Veríssimo presente na obra memorialística *Solo de Clarineta* (2006) deu-se quando ainda criança. As histórias contadas ou lidas no espaço familiar, apoiadas numa combinação da tradição oral com a cultura escrita, parece valerem como ritos de passagem, de iniciação à vida de leitor na vida de Erico Veríssimo. Desde as primeiras lembranças de Veríssimo, observa-se que a leitura é aliada à noção de familiaridade, de algo conhecido e doméstico. Sua lembrança apresenta a forma como a família o conduziu ao mundo da leitura e demonstra o desejo do narrador de ler os livros da prateleira da escola e das estantes da casa.

Das experiências da infância retida nas memórias de *Baú de Ossos* (2002), o memorialista Pedro Nava lembra dos contos da tradição popular transmitidos a eles através da voz feminina. Pedro Nava, por exemplo, retém uma imagem nítida das histórias que Rosa contava. Da literatura infantil predominam todas as histórias de Andersen, Perrault e dos Irmãos Grimm. “Devo a elas as da Sereia Menina, do Rouxinol, do Patinho Feio e dos Cisnes Bravos... Do Gato de Botas, do Barba Azul e do Chapeuzinho Vermelho... Da Borracheira, do Pequeno Polegar e da Branca de Neve... Todas as noites, na hora de deitar”. (NAVA, 2002, p. 228).

A partir de espaços geográficos e de contextos familiares e sociais diferentes, Manuel Bandeira, Jean-Paul Sartre, Érico Veríssimo, Pedro Nava, José Saramago, Carlos Drummond de Andrade, Elias Canetti e outros autores, que registraram magistralmente suas histórias de leitura, conquistaram, por razões diversas, uma notoriedade no mundo das letras, por apropriarem-se das disposições culturais, dispostas nas sociabilidades familiares, que os prepararam e possibilitaram-lhes participar das culturas do escrito.

Nessas experiências de leitura, nota-se a presença forte e viva da memória veiculada pelos familiares. No caso específico dos escritores, essa memória concentra-se nos avós, pais, tios, os mediadores mais importantes e de profunda ligação afetiva.

Esses memorialistas se referem às leituras da infância como componentes básicos da recriação a que procedem, evidenciando uma intensa confluência com a evocação efetuada por Marcel Proust. O texto de *Sobre a leitura* (1991) é uma verdadeira ode ao ato da leitura e ao seu poder criativo, “prazer divino” “cuja lembrança deve restar para cada um de nós uma benção” (PROUST, 1991, p. 24), capaz de recriar, tal qual a *madeleine*, o simulacro de toda uma vida que, objetivamente, “não existe mais”. Citamos como ilustração o sugestivo parágrafo inicial da obra, enternecedor em seu lirismo saudosista:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenham vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul; o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo, em nós, como uma lembrança tão doce (muito mais preciosa, vendo agora à distância, do que o que líamos então com tanto amor) que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais. (PROUST, 1991, p 9-10).

Esses exemplos são apenas uma pequena mostra do quanto há imagens de leitor presentes em nossa literatura tanto no que tange à escrita memorialística autobiográfica quanto nos textos ficcionais, tanto na prosa quanto na poesia. Quando essa imagem está aliada a personagem-criança ou a uma voz narrativa que se remete à infância, cria-se, com frequência uma imagem de leitor associada ao tempo de construção de identidade, de questionamento do mundo adulto, de construção do imaginário ou de fuga da realidade. Tempo de solidão e de afastamento do convívio social, tempo de gozo ou sofrimento solitários.

Para Proust, as leituras da infância deixam em cada leitor a imagem dos lugares e dos dias em que foram feitas. Confirma esse ponto de vista dizendo que, ao se referir às suas leituras da infância, falou de outras coisas e não dos livros, porque não foram deles que as leituras lhe falaram, mas, talvez, a lembrança que eles lhe trouxeram tenham conduzido o leitor pouco a pouco através da sua narrativa “a recriar em seu espírito o ato psicológico original chamado *Leitura*”. (PROUST, 1991, p.25).

Há um conjunto de semelhanças entre os escritores aqui analisados como a compreensão da leitura como momento importante na formação da criança, a necessidade de contato com textos de natureza diversa, tais como revistas, enciclopédias, dicionários. Outras semelhanças é a necessidade de o narrador das memórias de leitura, já adulto, referir-se ao método de ensino da leitura, a menção ao contato com os adultos no processo de aprendizado, sejam os professores, os pais, os avós ou irmãos. Há, ainda, a necessidade de professar o ato de ler como algo impulsivo e afetivo. Essas memórias possuem, como vimos, rastros e trilhas diversas que possibilitam ampliar nossa história de leitura.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. *In: Estudos Avançados*, nro. 23.V. 9. São Paulo: jan./abr., 1995.
- CANETTI, Elias. *A língua absolvida: história de uma juventude*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Jamerey-Duval aprendeu a ler? *In: CHARTIER, Roger (Org.). Práticas de leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito — a escrita autobiográfica na América hispânica*. Tradução Antonio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.
- NAVA, Pedro. *Bau de Ossos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. *In: FRAISSE, Emmanuel. Representações e imagens da leitura*. Tradução Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1991.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Tradução J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- VERÍSSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.